

A Atuação do Enfermeiro no Cuidado a Crianças com Transtorno do Espectro Autista

Kellve Vasconcelos¹

<https://orcid.org/0009-0009-9994-7475>

RESUMO

Introdução: A importância do diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando sua relevância para intervenções eficazes no desenvolvimento infantil. A atuação interdisciplinar de profissionais da saúde, especialmente enfermeiros(as), mostra-se fundamental para a identificação de sinais, orientação familiar e encaminhamentos adequados. **Objetivo:** Avaliar o cuidado integral e integral e humanizado para crianças com TEA realizado pelos enfermeiros. **Metodologia:** uma revisão bibliográfica com foco na atuação do profissional de Enfermagem no cuidado a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foram analisados artigos publicados entre 2014 e 2024, em português e inglês, nas bases de dados SCIELO, MEDLINE e LILACS. Dos 23 artigos encontrados, 7 foram selecionados com base na relevância e profundidade sobre o tema, considerando tratar-se de uma área ainda pouco explorada na Enfermagem. A pesquisa também contou com leituras de materiais didáticos das disciplinas do semestre e a escolha livre do tema. **Resultados:** No Brasil, a assistência especializada ainda é limitada, sendo a Atenção Primária à Saúde o principal espaço de atuação. O estudo também discute os desafios enfrentados pelas famílias no cuidado à criança com TEA, ressaltando a necessidade de acolhimento, escuta e suporte emocional. **Conclusão:** Historicamente, o ativismo familiar desempenhou papel essencial na conquista de direitos para pessoas autistas, impulsionado por emoções como o amor e a dor. Por fim, destaca-se a relevância de materiais informativos validados cientificamente, como cartilhas educativas, para fortalecer o cuidado familiar e combater a desinformação.

Palavras-chave

Enfermagem; Transtorno do Espectro Autista; Diagnóstico Precoce; Atenção Primária à Saúde; Cuidado Humanizado.

Submetido em: 30/09/2025 – Aprovado em: 03/11/2025 – Publicado em: 04/11/2025

¹ Bacharel em Enfermagem, Universidade Paulista, Teresina, kellvecruz@icloud.com.



The Role of Nurses in the Care of Children with Autism Spectrum Disorder

ABSTRACT

Introduction: This study addresses the importance of the early diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting its relevance for effective interventions in child development. The interdisciplinary work of healthcare professionals, especially nurses, is fundamental for the identification of early signs, family guidance, and appropriate referrals. **Objective:** To evaluate the comprehensive and humanized care provided by nurses to children with ASD. **Methodology:** A bibliographic review focused on the role of nursing professionals in the care of children with Autism Spectrum Disorder. Articles published between 2014 and 2024, in Portuguese and English, were analyzed from the databases SCIELO, MEDLINE, and LILACS. Of the 23 articles found, 7 were selected based on their relevance and depth on the subject, considering that this remains an area still underexplored in Nursing. The research also included readings of didactic materials from academic courses and the free choice of topic. **Results:** In Brazil, specialized care is still limited, with Primary Health Care being the main field of practice. The study also discusses the challenges faced by families in caring for children with ASD, emphasizing the need for welcoming attitudes, active listening, and emotional support. **Conclusion:** Historically, family activism has played an essential role in securing rights for autistic individuals, driven by emotions such as love and pain. Finally, the relevance of scientifically validated informational materials, such as educational booklets, is highlighted as a means to strengthen family care and combat misinformation.

Keywords

Nursing; Autism Spectrum Disorder; Early Diagnosis; Primary Health Care; Humanized Care.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto histórico

Conforme Leo Kanner, 1943, ao falar sobre o Transtorno do Espectro Autista, é necessário citar que os primeiros casos de autismo foram identificados pelo psiquiatra infantil austro-americano, e pelo psiquiatra austríaco Hans Asperger em 1938. Naquela época, Kanner diagnosticou meninos e meninas com o que mais tarde seria denominado autismo clássico, enquanto Asperger identificou apenas meninos com uma forma de autismo que, posteriormente, foi reconhecida pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) e pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) como síndrome de Asperger. (SANTOS, AMORIM, 2021).

Asperger reconhecia em meninos o que hoje chamamos de autismo leve e acreditava que essa condição estava relacionada ao sexo masculino. Ele defendia que, com intervenções pedagógicas e terapias de abordagem construtivista — antes mesmo da consolidação do construtivismo piagetiano — esses meninos poderiam alcançar uma vida funcional. (SANTOS, AMORIM, 2021).

Embora haja indícios de que Kanner conhecia os estudos de Asperger, ele acabou sendo creditado como o primeiro cientista a diagnosticar o autismo. Até aquele momento era frequentemente confundido com esquizofrenia ou deficiência intelectual. Apesar de muitas pessoas autistas apresentarem deficiência intelectual, essa característica, por si só, não é suficiente para o diagnóstico. Kanner descreveu o autismo como "distúrbios autísticos inatos do contato afetivo". Asperger, por sua vez, também considerava o transtorno uma condição diferente da esquizofrenia, e em 1938, chamou a condição de "psicopatia autista". (SANTOS, AMORIM, 2021).

Os sinais e sintomas do autismo infantil estão descritos na literatura como o comprometimento em várias áreas do desenvolvimento, nas quais se destaca a interação social, a comunicação verbal e não verbal, o atraso ou ausência da linguagem e comportamentos e interesses restritos, repetitivos e estereotipados. (SANTOS, AMORIM, 2021).

1.2 Justificativa

A atuação do profissional de Enfermagem tem se tornado cada vez mais importante ao longo dos anos, sendo este responsável pelo cuidado de pacientes em uma diversidade de âmbitos relacionados a saúde/doença. Sabe-se que essa profissão se distingue das demais por sua serventia ao próximo de maneira humanizada e científica, sendo-lhe conferido respeito diante das suas atribuições, dentro das Ciências Humanas e Biológicas.

Nesse Projeto será abordado o tema “A atuação do Enfermeiro no cuidado a crianças com Transtorno do Espectro Autista”, que em sua composição traz análise da prática profissional do Enfermeiro diante do processo saúde / transtorno do Espectro Autismo, tendo em vista as pesquisas bibliográficas que foram necessárias para essa construção, mediante realidade atual dos casos pertinentes ao assunto e deliberado pelo grupo.

O acolhimento da criança com TEA pela enfermagem é uma etapa essencial no cuidado integral e humanizado, essas crianças podem ter maior sensibilidade a ruídos, luzes ou estímulos visuais. A enfermagem deve estar atenta a essas características, ajustando o ambiente para minimizar desconfortos, como reduzir ruídos, luzes intensas ou aglomeradas.

O ambiente de trabalho do enfermeiro para receber uma criança com autismo deve ser planejado para promover acolhimento, segurança e minimizar estímulos que possam causar desconforto. É essencial criar um espaço que atenda às necessidades sensoriais e comportamentais da criança, facilitando a interação e os procedimentos de saúde.

Nesse processo não podemos deixar de mencionar o acolhimento da família de uma criança com autismo é tão importante quanto o atendimento à própria criança, pois o envolvimento dos cuidadores é fundamental para o sucesso do tratamento e do desenvolvimento da criança. A equipe de enfermagem desempenha um papel crucial ao oferecer suporte emocional, orientação e informação para ajudar as famílias a se sentirem mais preparadas e amparadas durante o processo de cuidado.

Cada família tem sua própria dinâmica, cultura e realidade socioeconômica. É importante que a enfermagem respeite essas particularidades, adaptando o atendimento e as orientações à realidade específica de cada família. Uma equipe de enfermagem pode orientar os pais sobre seus direitos e os da criança, fornecendo informações sobre como enfrentar o preconceito e lutar pela inclusão.

É relevante notar o trabalho realizado pelo Enfermeiro em relação ao cuidado oferecido na linha de frente, tanto na prevenção quanto no incentivo do tratamento ao paciente, no apoio psicológico, na detecção precoce, ou não da doença. O seu exercício é vigente em todo o processo relacionado a assistência ao paciente. O profissional em Enfermagem lida diretamente com as questões referentes a cada processo vivenciado, estando presente do começo ao fim das terapêuticas utilizadas.

Na área da saúde, há uma crescente preocupação entre os diversos profissionais em aprimorar seus conhecimentos técnicos e científicos, promovendo o desenvolvimento contínuo e assumindo maiores responsabilidades. Esse aprimoramento é essencial para garantir que o nível de assistência prestada ao paciente, sua família e à comunidade seja de alta qualidade e efetivamente atenda às necessidades de cada indivíduo. Isso envolve não apenas a execução de cuidados técnicos, mas também a compreensão integral do paciente e de suas condições, o que se reflete em um atendimento mais humanizado e holístico.

Diante desse cenário, surge a necessidade de uma reflexão profunda, especialmente em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pergunta que nos motivou a realizar este estudo é: "O quanto realmente sabemos sobre o universo do autismo para oferecer desde um acolhimento inicial até um tratamento eficaz?". O TEA é um transtorno complexo que requer uma abordagem multidisciplinar e especializada, e o papel do enfermeiro é central nessa dinâmica, não apenas pela proximidade com o paciente, mas também pela sua capacidade de identificar necessidades e adaptar intervenções.

Em resumo, o papel do enfermeiro no atendimento a pessoas com TEA vai além do diagnóstico e da intervenção técnica. Ele envolve uma visão global, interdisciplinar e colaborativa, onde o planejamento, a avaliação contínua e o acolhimento empático são essenciais para garantir um tratamento eficaz e humanizado. O aprimoramento contínuo das competências desse profissional é, portanto, indispensável para responder às demandas complexas e diversificadas de pacientes com TEA e suas famílias.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para Girianelli, et al., (2023) crianças com TEA tendem a apresentar problemas no desenvolvimento entre os 12 e 24 meses, mas os sinais de alerta podem ser percebidos antes de completarem um ano. Diversos autores trazem dados convergentes de que o diagnóstico precoce favorece e potencializa as possibilidades de intervenção em fases iniciais do desenvolvimento infantil por possibilitar a aquisição de repertório, como o desenvolvimento das habilidades: cognitivas, como a linguagem verbal e comunicação; sociocognitivas, como a atenção compartilhada; e comportamentais, como autonomia e habilidades sociais.

Alguns autores também descrevem que o diagnóstico precoce auxilia na melhor orientação de pais através da psicoeducação e do desenvolvimento de estratégias de manejo. Neste sentido, a importância do diagnóstico precoce do autismo fica cada vez mais evidente na literatura, em função do impacto potencial da intervenção, que propicia a estimulação da criança. Isso porque, nos primeiros anos de vida, há maior capacidade de organização neural, o que favorece melhor prognóstico e qualidade de vida. (GIRIANELLI, et al., 2023)

Dentro deste contexto, destaca-se que:

“Um número cada vez maior de profissionais tem defendido que a forma mais adequada de se estabelecer o diagnóstico é de modo interdisciplinar, incluindo pelo menos um neuropediatra e um psicólogo com especialização em distúrbios do desenvolvimento. Esses profissionais têm a oportunidade de analisar cada caso conjuntamente, identificando as várias nuances do quadro clínico da criança e oferecendo à família informações detalhadas não apenas acerca do diagnóstico, mas também do perfil médico, cognitivo e adaptativo da criança.

Além disso, esses profissionais devem orientar a família acerca das possibilidades de tratamentos e intervenções e encaminhá-la aos serviços e apoios necessários.” (BARBARESI et.al., 2006).

Profissionais capacitados podem contribuir com identificação de sinais e sintomas do TEA bem como realizar intervenções e encaminhamentos pertinentes necessários, assim, enfatiza-se a prática do(a) Enfermeiro(a) no cuidado especializado.

Jerônimo, et al., (2023) No Brasil se dá nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSIJ) componente da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e, também, nas ações de acolhimento no sistema de saúde já que, indivíduos com TEA apresentam, com maior frequência, comorbidades médicas e psicológicas.

Conforme (Jerônimo et al., 2023) produções nacionais abordavam a assistência do(a) Enfermeiro(a) à crianças/ adolescentes com TEA em serviços de atenção básica com ações de identificação de sinais e sintomas e apoio aos familiares, o que não se observou considerando cuidado especializado do(a) Enfermeiro(a) em serviços especializados.

A literatura internacional trouxe dados condizentes aos achados na literatura nacional mostrando que a atuação de enfermeiros(as) na assistência ao TEA é majoritariamente voltada para promoção e prevenção em saúde mental. Em países desenvolvidos, a literatura destacou a utilização de instrumentos de avaliação e estratégias estruturadas de cuidado em serviços especializados, sem especificação das práticas individuais dos profissionais envolvidos. (JERÔNIMO, et al., 2023).

Para (Bonfim, et al, 2023), um levantamento feito com relação à dificuldade de acesso às famílias, referida pelos profissionais em uma (Atenção Primária a Saúde - APS), relacionada ao isolamento social da família, ou ao julgamento da família, destaca-se que, por vezes, isso ocorre em decorrência de atitudes de discriminação dos próprios profissionais de saúde, o que causa distanciamento de ambos.

Posturas pouco acolhedoras, escassez de orientações, culpabilização da família, e julgamento do familiar como rival são atitudes que o profissional pode assumir devido à falta de capacitação.

Dentro deste contexto, destaca-se que:

“Essa postura dificulta a comunicação profissional-família, o estabelecimento de vínculo e confiança, e potencializa experiências negativas, resultando na baixa procura das famílias para atendimentos. Portanto, é necessário que equipes de saúde sejam sensibilizadas e capacitadas para o cuidado, pois o conhecimento contribui para mudança de percepção do sujeito, diminuição do estigma aos transtornos mentais, e maior envolvimento do profissional com as demandas da família.” (BONFIM, et al, 2023)

Assim, é necessário que os profissionais de saúde compreendam a família como unidade de cuidado e se dediquem a apoiar, encorajar e ajudar nas tomadas de decisões necessárias ao bem-estar da criança e dos membros familiares.

A família representa o primeiro espaço de socialização da criança e o núcleo essencial de seu cuidado, possuindo a capacidade de atender às suas necessidades e contribuir para o estímulo de seu desenvolvimento. Sob essa ótica, o surgimento de uma condição crônica e sua gestão dentro das dinâmicas familiares configuram um desafio, podendo impactar a estrutura e a solidez dos vínculos familiares.

Mapelli et al. (2018) aborda a experiência das famílias no cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a maneira como elas lidam com as particularidades desse diagnóstico.

O estudo destaca os impactos emocionais, comportamentais e sociais enfrentados pelas famílias e o papel fundamental da mãe como cuidadora primária, enquanto o pai tende a ficar em uma posição secundária. A pesquisa também revela que, mesmo ao reconhecer sinais do TEA, as famílias inicialmente tendem a não os associar a um transtorno, tratando-os como características da personalidade da criança.

Os resultados do estudo apontam para uma realidade comum entre muitas famílias: os sinais do TEA são frequentemente identificados como características de personalidade das crianças, e não como manifestações de um transtorno. Esse dado é particularmente relevante, pois ilustra a falta de conhecimento e familiaridade com os sinais precoces.

Além disso, a sociedade em geral tem um entendimento ainda limitado sobre as especificidades do autismo, o que contribui para que esses sinais sejam subestimados ou mal interpretados. A educação e a formação adequada para reconhecer os sinais precoces são, portanto, essenciais para permitir que as famílias busquem o diagnóstico e a intervenção precoces, fundamentais para o desenvolvimento dessas crianças.

Ainda conforme Mapelli et al. (2018) revela que o cuidado de crianças com TEA exige uma abordagem cuidadosa e sensível, considerando as emoções, as expectativas e as limitações das famílias. A aceitação do diagnóstico, embora difícil, é um processo crucial para que as famílias possam adotar estratégias de enfrentamento mais eficazes e buscar as intervenções necessárias para o bem-estar de seus filhos.

A pesquisa também destaca a necessidade de políticas públicas que incluam a formação e o suporte adequados às famílias, para que elas possam lidar melhor com as demandas emocionais e práticas de cuidar de uma criança com TEA.

É essencial que os profissionais de saúde, incluindo psicomotricistas, psiquiatras e enfermeiros, considerem as necessidades emocionais das famílias como parte integrante do tratamento desses pacientes.

A colaboração com psicólogos, assistência social e outros profissionais da saúde mental pode ser uma forma de promover uma abordagem mais holística e integrada no cuidado à criança e à família, o que pode melhorar os resultados a longo prazo para todos os envolvidos. Fazendo um resgate histórico, conforme Lopes (2020) e analisando o papel das emoções no ativismo de pais e mães de crianças autistas no Brasil durante a década de 1980. A autora argumenta que sentimentos como infelicidade e amor foram motores fundamentais para a mobilização dessas famílias em busca de reconhecimento e direitos para seus filhos.

A pesquisa utiliza a triangulação de fontes documentais diversas, incluindo autobiografias, livros acadêmicos e materiais de periódicos da época, o que confere à análise uma abordagem ampla e fundamentada. Segundo Lopes (2020), a infelicidade vivenciada pelas famílias era resultante da falta de informação sobre o autismo, da escassez de suporte institucional e da dificuldade em obter diagnósticos e tratamentos adequados.

Essa experiência comum entre pais e mães levou à necessidade de compartilhar angústias e buscar soluções coletivas, fomentando o fortalecimento de redes de apoio e o surgimento de organizações voltadas para a causa autista. Esse ponto é crucial, pois demonstra como a dor e o sofrimento podem ser transformados em ação política e social, criando condições para mudanças estruturais na sociedade. O amor, por outro lado, foi identificado como um elemento unificador entre essas famílias.

Conforme destacado no estudo, a preocupação com o bem-estar e o futuro dos filhos motivou os pais a se tornarem agentes ativos na luta por direitos. Essa motivação emocional impulsionou a criação das primeiras medidas que possibilitaram o reconhecimento oficial das necessidades das pessoas autistas no Brasil. Lopes (2020) enfatiza que essa mobilização familiar foi essencial para que as políticas de inclusão e suporte pudessem começar a ser discutidas em espaços públicos e governamentais.

Sob um olhar crítico, a análise apresentada no artigo é relevante porque destaca a subjetividade das experiências familiares e sua influência no ativismo. Muitas vezes, movimentos sociais são analisados sob a perspectiva de estruturas políticas e econômicas, mas Lopes (2020) traz um olhar humanizado, mostrando que as emoções são catalisadoras poderosas para a transformação social.

Esse enfoque é fundamental para compreender como o ativismo pode emergir de experiências individuais de sofrimento e amor, tornando-se uma força coletiva capaz de gerar impactos duradouros. Ao relacionar essa discussão com a atualidade, observa-se que o ativismo das famílias continua desempenhando um papel vital na defesa dos direitos das pessoas autistas. A diferença é que, hoje, o movimento se expande por meio das redes sociais e de organizações formalizadas.

Enquanto na década de 1980, as iniciativas eram majoritariamente baseadas em redes de apoio presenciais e interações mais diretas entre os familiares. No entanto, o cerne da mobilização permanece o mesmo: a busca por reconhecimento, suporte e melhores condições de vida para os autistas.

Portanto, o estudo de Lopes (2020) contribui significativamente para a compreensão do ativismo familiar no Brasil, demonstrando como as emoções foram fundamentais para a consolidação desse movimento. Além de trazer um resgate histórico importante, a pesquisa evidencia que, embora os desafios tenham mudado ao longo dos anos, o engajamento das famílias continua sendo um elemento central na luta pelos direitos das pessoas autistas.

Pensando nisso, o artigo "Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo", de Weissheimer-Kaufmann et al. (2023), ressalta a importância de validar conteúdos informativos para que sejam acessíveis, compreensíveis e cientificamente embasados.

A construção de materiais educativos voltados para famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é fundamental para garantir um suporte adequado, visto que muitas dessas famílias enfrentam dificuldades na obtenção de informações confiáveis sobre o transtorno.

Os autores destacam que "a disseminação de informações inconsistentes e não validadas pode gerar equívocos no cuidado e no desenvolvimento da criança com TEA" (Weissheimer-Kaufmann et al., 2023). Essa afirmação corrobora a necessidade de materiais confiáveis, uma vez que a internet e redes sociais muitas vezes oferecem conteúdo sem embasamento científico.

Dessa forma, a cartilha proposta no estudo surge como uma ferramenta essencial para orientar as famílias, promovendo conhecimento e possibilitando melhores práticas no cotidiano. Para garantir a qualidade do material, os autores utilizaram um processo rigoroso de validação. Esse processo incluiu entrevistas com familiares de crianças com TEA e uma revisão integrativa da literatura para compreender as principais necessidades informacionais das famílias. Segundo Weissheimer-Kaufmann et al. (2023), "a escuta ativa das famílias foi essencial para direcionar os conteúdos da cartilha, garantindo que os temas abordados fossem pertinentes à realidade vivenciada". Essa abordagem fortalece a aplicabilidade do material, pois considera as dificuldades e desafios enfrentados por pais e cuidadores na prática.

A técnica utilizada para validar os conteúdos foi a Delphi, que consiste em obter consenso entre especialistas por meio de rodadas de avaliação. O estudo contou com a participação de 86 experts de diversas regiões do Brasil, garantindo diversidade de perspectivas e enriquecendo a qualidade do material.

De acordo com os autores, "os conteúdos relacionados às características do TEA, diagnóstico e direitos foram validados na primeira rodada, enquanto temas como sinais do transtorno e futuro da criança demandaram reformulações" (Weissheimer-Kaufmann et al., 2023). Isso evidencia a complexidade de certos temas, que exigem maior refinamento para garantir clareza e precisão na transmissão da informação.

Além da relevância do conteúdo, a cartilha também foi avaliada quanto à sua forma de apresentação, enfatizando que "a linguagem acessível e a interatividade foram critérios fundamentais na construção do material, pois facilitam a compreensão por parte das famílias" (Weissheimer-Kaufmann et al., 2023). Isso demonstra que um material educativo deve não apenas conter informações corretas, mas também ser elaborado de maneira didática e envolvente para que cumpra seu propósito de forma eficaz.

Com base na análise do estudo, percebe-se que a cartilha validada pelos autores possui grande potencial de impacto na vida das famílias de crianças com TEA. A abordagem baseada na experiência das famílias e na revisão científica possibilitou a criação de um recurso educacional robusto e aplicável à prática.

Além disso, a metodologia rigorosa de validação garantiu que o material final fosse confiável e útil. Dessa forma, o estudo contribui significativamente para a produção de materiais educativos de qualidade, promovendo maior conhecimento e autonomia para as famílias no cuidado com suas crianças.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para corporificação desse projeto, foi disposta através revisão bibliográfica de caráter identificador e exemplificador, relativamente referente ao campo ocupacional do profissional de Enfermagem e aos cuidados assistenciais ofertados, cujo oportunizou o conhecimento de conceitos de suma importância sobre o tema escolhido.

Foi realizada uma busca referente ao tema abordado em artigos publicados entre 2014 a 2024 em português e inglês. As bases de dados utilizadas foram "Scientific Electronic Library Online (SCIELO)", "Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)" e "Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)". Foram baixados 23 artigos no acervo, destes, foram utilizados 7 artigos para este trabalho, cujos embasaram a capacitação e domínio para a produção do mesmo.

O critério de inclusão foi estabelecido com base na relevância dos artigos em relação ao tema proposto, priorizando aqueles que abordavam a questão de forma mais aprofundada. Essa seleção se justifica pelo fato de se tratar de uma área ainda pouco explorada dentro do campo da Enfermagem.

Realizada a leitura de materiais didáticos, das disciplinas do semestre, que estruturou e fomentou o assunto exposto, para corporificação deste projeto, houve captação de informações estimáveis, e a escolha de maneira livre do tema dando enfoque a temática desenvolvida: "A Atuação do Enfermeiro no cuidado a crianças com Transtorno do Espectro Autismo."

Para a seleção do estudo, foram utilizadas palavras-chave relacionadas ao tema da pesquisa, garantindo a relevância dos artigos analisados.

Os termos empregados na estratégia de busca incluíram: “Autismo”, “Transtorno do Espectro Autista e Enfermagem”, “Autismo e enfermagem”, “Diagnóstico do TEA”, “Leo Kanner”, “Primeiros casos de Autismo”, “O cuidado do enfermeiro ao paciente com TEA”.

4 RESULTADOS

4.1 Diagnosticando o Transtorno do Espectro Autista

Com relação às perspectivas sobre o diagnóstico do autismo ao longo do tempo, desde os primeiros estudos de Leo Kanner até as classificações e avanços diagnósticos do século XXI. Cada um deles aborda aspectos essenciais que se complementam para uma visão abrangente do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Leo Kanner em “Considerações sobre os primeiros diagnósticos do autismo”, destaca a gênese do diagnóstico, explorando a importância das observações iniciais em 1943. Ele identificou um grupo de crianças com características comuns, como isolamento social, dificuldade na comunicação e comportamentos repetitivos, introduzindo o conceito inicial do transtorno.

Essa visão pioneira influenciou profundamente os critérios diagnósticos subsequentes, apesar das limitações metodológicas e da falta de compreensão sobre a heterogeneidade do espectro autista.

Já o artigo “Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas” amplia essa perspectiva histórica ao demonstrar como o diagnóstico do TEA evoluiu com o tempo. Com o avanço das pesquisas, os critérios diagnósticos foram reformulados, especialmente com a transição do DSM-IV para o DSM-5, que consolidou diferentes subtipos em um único espectro.

Além disso, este artigo destaca como as mudanças nos critérios diagnósticos impactaram a identificação dos indivíduos com TEA, tornando o diagnóstico mais inclusivo e abrangente. Diferente da visão inicial de Kanner, que descrevia um grupo mais homogêneo de crianças, a categorização atual reconhece uma ampla variação de manifestações clínicas e funcionais dentro do espectro.

O terceiro artigo, “Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019”, apresenta uma abordagem mais prática e epidemiológica, discutindo a realidade do diagnóstico precoce no Brasil. Ele evidencia a importância da detecção precoce para intervenções mais eficazes, destacando os desafios enfrentados no contexto nacional, como a falta de capacitação de profissionais de saúde, o acesso limitado a serviços especializados e a disparidade no diagnóstico entre diferentes regiões do país.

Esse artigo contrasta com os outros dois ao focar na aplicabilidade clínica e nas barreiras institucionais que ainda dificultam um diagnóstico eficiente.

Comparando os três artigos, nota-se que enquanto o primeiro se concentra na origem do conceito de autismo, o segundo enfatiza a evolução dos critérios diagnósticos e o terceiro aborda a implementação prática do diagnóstico, especialmente no Brasil.

Todos convergem para a ideia de que o conhecimento sobre o TEA tem se expandido significativamente, mas desafios ainda persistem, seja na compreensão teórica do transtorno, seja na sua identificação clínica e na disponibilidade de suporte aos indivíduos diagnosticados.

Em síntese, os artigos refletem diferentes momentos e abordagens do diagnóstico do autismo, mostrando como a visão sobre o transtorno mudou desde as primeiras descrições de Kanner até os modelos contemporâneos, que buscam maior precisão diagnóstica e inclusão. O avanço teórico e metodológico permitiu uma melhor compreensão do TEA, mas ainda há lacunas a serem superadas, especialmente no que diz respeito à detecção precoce e ao acesso a serviços especializados no Brasil.

4.2 Assistência As Famílias de Crianças Com TEA

Os artigos analisados trazem diferentes perspectivas sobre a assistência às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando tanto a atuação de equipes multiprofissionais quanto o papel específico da enfermagem no cuidado desses indivíduos. Ambos destacam a importância de um suporte estruturado e interdisciplinar, mas apresentam enfoques distintos em relação às estratégias de assistência e ao impacto nas famílias.

De acordo com Bonfim et al: "Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional" enfatiza o papel da equipe interdisciplinar no suporte às famílias de crianças com TEA. Ele evidencia como o diagnóstico e o acompanhamento dessas crianças não se restringem apenas ao atendimento clínico, mas envolvem um suporte contínuo às famílias, que frequentemente enfrentam desafios emocionais, sociais e financeiros.

O estudo destaca que o envolvimento de profissionais como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e assistentes sociais é essencial para garantir um acompanhamento integral, promovendo o bem-estar da criança e de seus cuidadores.

Por outro lado, Jerônimo et al em o artigo "Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista" foca especificamente na atuação da enfermagem no cuidado de crianças e adolescentes com TEA. Ele ressalta a importância da capacitação dos profissionais de enfermagem para lidar com as particularidades do transtorno, como sensibilidades sensoriais, dificuldades na comunicação e comportamentos desafiadores.

Além disso, o artigo aponta que a enfermagem tem um papel fundamental na triagem, no encaminhamento para diagnósticos precoces e na orientação das famílias quanto às melhores práticas de cuidado e intervenção.

Ao comparar os dois artigos, observa-se que ambos destacam a necessidade de um atendimento humanizado e especializado para crianças com TEA, mas enquanto o primeiro enfatiza uma abordagem multiprofissional ampla, o segundo destaca o papel específico da enfermagem dentro desse contexto.

Ambos concordam que o suporte às famílias é crucial, mas abordam esse suporte de maneiras diferentes: a equipe multiprofissional busca oferecer um acompanhamento contínuo e diversificado, enquanto a enfermagem se posiciona como um ponto de apoio essencial na assistência direta e na orientação dos cuidadores.

Além disso, os artigos convergem ao apontar desafios comuns na assistência às crianças com TEA, como a falta de capacitação de profissionais, a escassez de serviços especializados e a necessidade de um olhar mais integrado e sensível às particularidades do transtorno. Ambos reforçam que a capacitação profissional e o fortalecimento das redes de apoio são fundamentais para melhorar a qualidade da assistência prestada.

Em suma, a análise desses estudos mostra que a assistência a crianças com TEA exige um esforço conjunto de diferentes profissionais da saúde, sendo a atuação da enfermagem um elo fundamental nesse processo. O fortalecimento do trabalho interdisciplinar e o investimento em formação especializada são essenciais para garantir um atendimento mais eficiente, humanizado e centrado nas necessidades das crianças e de suas famílias.

4.3 A Atuação do Enfermeiro a Crianças Com Autismo

Os artigos analisados trazem perspectivas complementares sobre o papel do enfermeiro na assistência a crianças com Transtorno do Espectro Autista, destacando tanto as dificuldades do sistema público de saúde quanto o impacto do diagnóstico nas famílias e na atuação dos profissionais de enfermagem.

Conforme Mandaj et al em "O sistema de saúde pública e o lugar do autismo" discute os desafios do atendimento a crianças com TEA no sistema público de saúde, abordando a precariedade da assistência especializada e a necessidade de políticas mais efetivas.

O estudo aponta que, apesar dos avanços na legislação e na ampliação dos serviços de reabilitação, a rede pública ainda apresenta limitações no diagnóstico precoce e no acompanhamento contínuo dessas crianças. Nesse contexto, o enfermeiro tem um papel crucial na triagem inicial, na orientação das famílias e no encaminhamento para serviços especializados, atuando como um elo entre os diferentes níveis de atenção à saúde.

Sendo assim, conforme Pinto et al em "Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares" que enfatiza como o diagnóstico de TEA afeta as dinâmicas familiares e o papel dos profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, no suporte aos cuidadores.

O estudo evidencia que o momento do diagnóstico é marcado por sentimentos de choque, incerteza e sobrecarga emocional, tornando essencial um acolhimento adequado por parte da equipe de saúde. Nesse cenário, o enfermeiro assume uma função essencial ao fornecer suporte emocional, esclarecer dúvidas sobre o transtorno e auxiliar na adaptação das famílias à nova realidade.

Ao comparar os dois artigos, nota-se que ambos convergem na necessidade de capacitação dos enfermeiros para um atendimento mais eficiente e humanizado. O primeiro artigo foca nas limitações estruturais do sistema de saúde e na importância do enfermeiro como facilitador do acesso a serviços especializados, enquanto o segundo destaca a dimensão emocional do diagnóstico e o suporte às famílias.

Ambos reconhecem que a atuação do enfermeiro vai além do cuidado clínico, abrangendo também a orientação, o acolhimento e a mediação entre a família e os serviços de saúde.

Outro ponto relevante abordado em ambos os estudos é a necessidade de fortalecimento das políticas públicas para garantir uma assistência mais qualificada às crianças. A precariedade dos serviços de saúde pública impacta diretamente na qualidade do atendimento, tornando essencial que os enfermeiros sejam capacitados não apenas para reconhecer sinais precoces do autismo, mas também para oferecer um suporte integral às famílias, minimizando os impactos negativos do diagnóstico e facilitando o acesso aos tratamentos disponíveis.

Em síntese, a análise desses artigos reforça a importância do enfermeiro na assistência a crianças com TEA, tanto no âmbito do sistema de saúde pública quanto no acolhimento das famílias. O fortalecimento da capacitação profissional e a implementação de políticas mais eficazes são essenciais para garantir um atendimento mais humanizado e eficiente, assegurando que recebam o suporte adequado desde os primeiros anos de vida.

5 CONCLUSÃO

Os achados do estudo permitiram compreender as representações dos enfermeiros em relação à assistência especializada a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos serviços de saúde. Esses profissionais destacaram a necessidade de conhecimentos específicos para identificar, avaliar e prestar atendimentos individualizados ou em grupo, além de orientar familiares, cuidadores e profissionais da educação.

Também foram identificadas dificuldades no cuidado a essa população, que podem ser mitigadas por meio de ações educativas. Essas ações devem ser integradas tanto ao currículo formal da formação dos enfermeiros quanto à educação permanente em saúde, reforçando a importância de incluir o tema TEA em ambos os contextos.

O conhecimento dos fatores relacionados ao cuidado permite a reflexão sobre os desafios na assistência em saúde que tem sido ofertada, evidencia a fragilidade da assistência e a invisibilidade de famílias de crianças com TEA. Ademais, mostra que algumas práticas podem ser modificadas para possibilitar avanços na qualidade da assistência.

Recomenda-se a oferta de capacitação e ações de educação permanente, por meio da transferência de conhecimento. Essa estratégia que possibilitará uma equipe qualificada e preparada para cuidar dessas famílias, compreendê-las enquanto unidade de cuidado e em suas necessidades, e serviços articulados.

REFERÊNCIAS

- Bonfim TA, Giacon-Arruda BCC, Galera SAF, Teston EF, Do Nascimento FGP, Marcheti MA. **Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional.** Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2023;31:e3780.
- FERNANDES, Conceição Santos. TOMAZELLI, Jeane. GIRIANELLI, Vania Reis. **DIAGNÓSTICOS DO AUTISMO NO SÉCULO XXI: EVOLUÇÃO DOS DOMÍNIOS NAS CATEGORIZAÇÕES NOSOLÓGICAS.** Psicologia, USP, 2020, volume 31, e200027.
- GIRIANELLI, Vania Reis. TOMAZELLI, Jeane. SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. FERNANDES, Conceição Santos. **Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento,** Revista de saúde pública, Brasil, 2013-2019.
- JERÔNIMO TG, Mazzaia MC, Viana JM, Chistofolini DM. **Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.** Acta Paul Enferm. 2023;36:eAPE030832.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** [recurso eletrônico] : DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed.
- SANTOS, Larissa Yule Amado. AMORIM, Simone Silveira. **CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRIMEIROS DIAGNÓSTICOS DO AUTISMO: LEO KANNER, O PAI DO AUTISMO.** Seminário de pesquisa do programa de pós-graduação em educação. Out 2021.
- SILVA, Micheline. MULICK, James A. **Diagnosticando o transtorno autista: Aspectos fundamentais e considerações práticas.** Psicologia, Ciência e Profissão, 2009, 29 (1), 116-131.
- MAPELLI LD, Barbieri MC, Castro GVDZB, Bonelli MA, Wernet M, Dupas G. **Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar.** Set, 2018.
- MANDAJ V, Simões-Zenari M, Molini-Avejona DR. **O sistema de saúde pública e o lugar do autismo.** Jan, 2023.
- Pinto RNM, Torquato IMB, Collet N, Reichert APS, Souza Neto VL, Saraiva AM. **Autismo infantil: Impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.** Set, 2016. Revista Gaucha de Enfermagem.
- LOPES, Bruna Alves. **“Emoções e ativismo familiar em defesa dos autistas no Brasil na década de 1980”.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 32, n. 1, e89618, 2024.
- WEISSHEIMER-Kaufmann G, Mazza V de A, Ruthes VBTNM, Oliveira LF de. **Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo.** Cogitare Enferm. [Internet]. 2022 . Disponível em: dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.83876. Acesso em: 13 set 2024.